



Todo Natal Juno trabalha como atriz no presépio vivo da fazenda. Sua pacata vida de vaca até que não é ruim mas, ela não está satisfeita. O que gostaria mesmo é de ser uma rena do Papai Noel. Para realizar esse sonho, além de aprender a voar, Juno vai precisar trabalhar em outras festas, como o Carnaval, a Páscoa e as juninas. E também vai necessitar de muita paciência e determinação, sem se deixar desanimar diante das gozações e do preconceito que sofrerá no caminho.



1 9 0 6 4 0

ISBN 978-85-418-2082-0



9 788541 820820



BARCO
A VAPOR

A vaca presepeira

João Paulo Hergesel

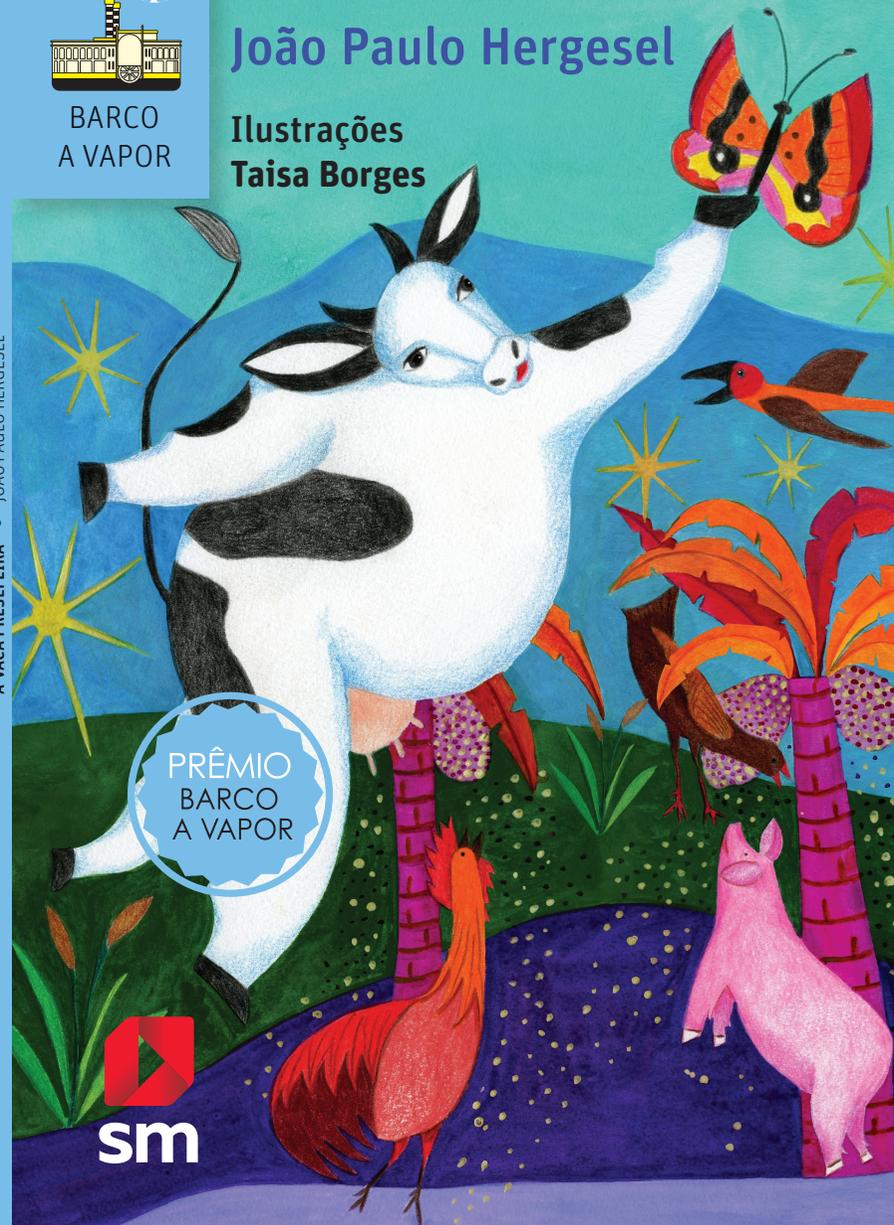
Ilustrações
Taisa Borges

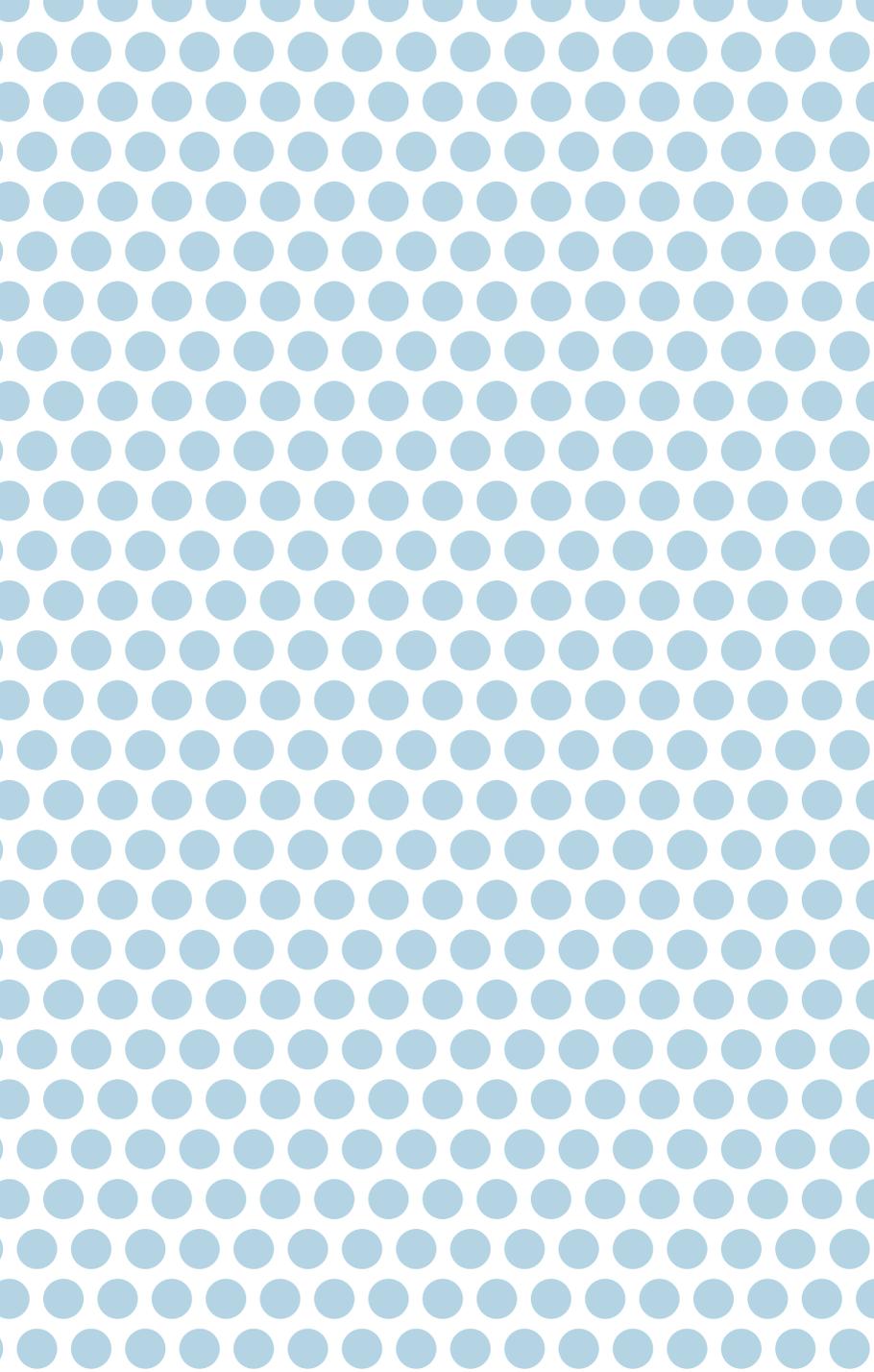
A VACA PRESEPEIRA • JOÃO PAULO HERGESEL

PRÊMIO
BARCO
A VAPOR



sm





A vaca presepeira

Título original: *Que presepada!*

© João Paulo Hergesel, 2018

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos

Assistência editorial: Olívia Lima

Preparação: Marcia Menin

Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hergesel, João Paulo

A vaca presepeira / João Paulo Hergesel ;
ilustrações Taisa Borges. -- São Paulo : Edições SM,
2018. -- (Coleção Barco a Vapor)

ISBN 978-85-418-2082-0

1. Animais – Literatura infantojuvenil
2. Literatura infantojuvenil I. Borges, Taisa.
II. Título. III. Série.

18-20211

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição outubro de 2018

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br



A vaca presepeira

João Paulo Hergesel

Ilustrações
Taisa Borges



*À Érica, melhor amiga e fã de vacas.
Ao Vini, melhor amigo e amigo dos animais.
E aos professores Cláudio e Gilvana,
meus principais formadores na arte da escrita.*

JP



JUNO SE CONCENTROU, centrou o popozão com duas reboladinhas e se embolou num plano muito bem encaminhado. Caminhou até o pé de acerola, acelerou até o ribeiro e correu pela margem da água corrente, sem imagem do destino. Destruía todas as paredes de brisa que apareciam à sua frente.

Resolveu que era hora de voar. Nunca tinha passado pela experiência, mas já havia visto várias aves ao vivo, leves voos através do vento. Sabia quais atitudes tomar.

Levantou as patas dianteiras, deu um impulso com as traseiras e esticou-se, espreguçando-se

no ar, não tão perto do chão. Sentiu o cheiro do céu, imaginou o toque das nuvens. Girou os olhos para espiar como estava indo e depa-rou com a poça, antes de se espatifar na lama.

– Vaca louca! – gritou o porco. – Vá meter seus chifres em outro chiqueiro!

Os outros animais da fazenda tentaram se-
gurar o riso, mas os lábios não eram tão fortes. Se pudessem, até as rosas gargalhariam como grasnaram as gralhas que passavam por ali. Sobrevoando a cabeça da vaca, ridicularizavam:

– Será que, no planeta de onde ela vem, é normal ter vaca atolada?

– E há quem diga que quem não tem avião voa com vaca...

– Só não vou zoar porque seria muita *vaca-
nagem* da minha parte!

Entristecida, Juno voltou ao curral com o corpo sujo. Poderia pensar positivo, que a lama serviria como tratamento de pele contra carra-patos e queimaduras solares, porém sabia que não estava num *spa*, e o barro logo secaria e endureceria, assim como seu sonho.

Ela era uma profissional natalina. Trabalhava

todo fim de ano como atriz no presépio vivo montado na fazenda. Era uma vaca de presépio, mas queria ser rena do Papai Noel.

Não tinha dúvida de que puxar um trenó voador era uma atividade cansativa, ainda mais tendo que parar de chaminé em chaminé. No entanto, imaginava que o cansaço valeria a pena, o pelo, a pele, o couro, e isso a fazia esboçar um sorriso bovino.

– Ei, vaca! Pare de mostrar os dentes e vá tomar um banho. Já está quase na nossa hora.

O pastor-alemão tinha uma agenda eletrô-nica dentro da cabeça e cuidava para que tudo acontecesse no horário certo. Às 18 horas, o presépio precisava estar montado, no meio das lâmpadas piscantes, para o feliz Natal da meia-noite.

Imersa no lago, Juno pensava em como seria mais fácil se existisse um elefante na fazenda: bastaria ele borrifar um pouco de água com a tromba, e o chuveiro estaria feito. Se bem que o chuveiro não seria tão melhor do que o lago: no lago tinha xixi de peixe, enquanto no chuveiro improvisado teria meleca de elefante.



Queria, de verdade, era que o elefante voasse. Seria perfeito: o grandalhão poderia lhe ensinar alguns truques, e ela ficaria mais próxima de ser uma rena do Papai Noel.

“Elefantes não voam, sua vaca panaca!”, dizia para si mesma. Talvez chamar a atenção do pensamento ajudasse a fazer com que os sonhos ficassem restritos ao momento de dormir.

No horário em que deveria estar na cabeceira da manjedoura, Juno estava na cabeceira da manjedoura. Era uma vaca de lua, mas sabia obedecer e cumprir com as obrigações, ainda que amarrasse o burro de vez em quando.

– Você parece meio triste... – comentou o burro, que não estava amarrado.

– É que eu não queria estar aqui, sabe? Eu queria ser rena, uma rena do Papai Noel.

O burro, muito inteligente, só conseguiu zurrar:

– Ió! Isso não vai dar certo!

– E não vai dar certo por quê?

– Porque... Lembra quando você quis ser solista no coral de Natal, no ano passado?

Juno lembrava... Lembrava muito bem que essa função não tinha dado muito certo. Tudo o que ela cantava saía um pouco distorcido:

*Bate o sino pequenino,
Sino que vai e vem.
No pescoço da vaquinha
Ele toca também.*